

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2018
Direitos reservados para Marcador Editora,
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © 2017 by Alexandra Bracken
Edição original publicada por Hyperion, uma chancela de Disney Book Group.
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem
permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *Wayfarer*
Autora: Alexandra Bracken
Tradução: Hugo Gonçalves
Revisão: Paula Caetano/Editorial Presença
Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.
Arte da capa original © 2017 by Michael Heat
Design da capa original: Marci Senders
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 434 664/17

1.ª edição, Lisboa, janeiro, 2018

PRÓLOGO

Ela tivera uma boneca com um sorriso pintado, o cabelo muito claro e olhos parecidos com os seus. Durante muito tempo, essa boneca foi a sua companhia — uma amiga com quem tomar chá quando Alice estava a viajar com o seu pai, alguém em quem ela podia confiar quando ouvia o burburinho dos segredos trocados pelos pais, alguém que a escutava quando mais ninguém o fazia. O nome dela era Zenobia, como a rainha guerreira do deserto sobre a qual o avô lhe falara. Mas, certo dia, quando Henry Hemlock corria atrás dela pelo jardim, a boneca caiu, e ela pisou-lhe o pescoço, estilhaçando a porcelana frágil. Aquele som terrível fez com que o seu coração disparasse para a garganta.

Agora, o som do pescoço da sua mãe, esmagado pela bota de um homem, fazia com que ela vomitasse nas próprias mãos.

Um impulso de poder ardente varreu a sala como uma onda errante, levando consigo o caos esmagador da passagem, enquanto esta colapsava. Rose sentiu-se atirada contra a parede. O ar vibrante fez estremecer os seus ossos, até os dentes lhe doíam.

Morta.

Rose susteve a respiração, fechando os olhos com força quando o seu pai gritou no local escuro para onde um homem sombrio o atirara ao chão e lhe trespassara o seu ombro com uma espada. Rose sabia que não devia gritar, ou sequer tentar tocar na mãe, como o pai fazia agora. O compartimento secreto, escondido na parede, atrás da estante com livros, iria protegê-la, tal como o avô lhe prometera, mas apenas se ela ficasse calada e quieta. Uma pequena fresta permitia-lhe ver sem ser vista. A tarde dera lugar à noite. O jantar, praticamente intacto, ainda estava

sobre a mesa da sala — o único alerta para aquela invasão tinham sido os latidos do cão dos vizinhos antes de ter sido silenciado rapidamente. O pai apenas tivera tempo para acender as luzes e a lareira, enquanto a mãe a escondia, antes de se escutarem os passos na escada. Agora, o calor e o brilho do fogo faziam com que a sala parecesse respirar.

— Eu disse-te para colaborares. — O homem usava um belo sobretudo escuro com botões de prata e um símbolo que ela não conseguia ver bem. Um cachecol fino, preto, cobria-lhe parte da cara, mas não abafava os tons sedosos da sua voz. — Não tinha de ser assim. Abandona a tua reivindicação, dá-me o astrolábio, e ficamos por aqui.

Ela ouviu vidros partidos e papéis esmagados pelas botas, enquanto o homem circundava o corpo da mãe... a mãe...

Não. Em breve, o avô regressaria da sua reunião. Dissera que iria vê-la à cama, e ele nunca falhava uma promessa. O avô faria com que tudo ficasse bem outra vez. Aquilo era... era apenas um pesadelo... Era apenas a sua cabeça dispartada a sonhar todas aquelas histórias sobre as sombras que perseguiam as crianças viajantes. Tudo aquilo iria acabar em breve e ela acordaria.

— Malditos monstros, todos vós!

O pai tentou arrancar a espada do ombro, pegando na lâmina, deixando um rasto de sangue na mão. O homem, de pé, sobre ele, agarrou no cabo dourado e cheio de ornamentos, empurrando a espada mais fundo. O pai estremeceu, esperneando no ar.

A mãe não se mexeu.

A ponta afiada e flamejante de um grito começou a rasgar a garganta de Rose. Um rio de sangue fétido ensopara o tapete e começava a aproximar-se dos cabelos brilhantes da mãe.

O pai tentou levantar-se, colocando uma mão sobre um pisa-papéis que caíra da secretária durante a luta. Com um grito que pareceu rasgar-lhe os pulmões, tentou atirar o pisa-papéis à cabeça do homem. Mas este desviou-se sem dificuldade e, como resposta, tirou uma espada fina do outro homem, também mascarado, que vigiava a porta. Com um grunhido, perfurou o braço do pai de Rose, e deixou lá ficar a lâmina. Quando o pai libertou um uivo de dor, este não era suficientemente sonoro para abafar o riso do homem mascarado.

Tens de ver, pensou Rose, encolhendo as pernas e encostando o queixo aos joelhos. *Tens de ser capaz de contar ao avô o que aconteceu.*

Fica calada, fica quieta.

Sé corajosa.

— Tu... tu podes dizer ao Ironwood que ele vai morrer sem... sem nunca... pôr as mãos no astrolábio.

Os Ironwood. Sempre os Ironwood. Entre a família de Rose, aquele apelido era sussurrado e parecia aproximar-se sempre de forma sorrateira, como uma sombra. O avô dissera que eles estariam em segurança naquele lugar, mas ela devia ter suspeitado. Nunca tinham estado em segurança desde que as suas tias, tios, primos e a avó haviam sido levados, um a um, para diferentes séculos e continentes.

E agora a mãe... e o pai...

Rose mordeu o lábio e sentiu o sabor do sangue.

O outro homem afastou-se da ombreira onde estivera encostado.

— Acaba com isto. Vamos procurar nas paredes e no chão.

E então, quando a figura se aproximou, Rose percebeu que não se tratava de um homem, mas de uma mulher.

A mãe de Rose dissera que Ironwood gostava de colecionar as raparigas da sua própria família e de mantê-las na prateleira como se fossem bonecas de vidro, nunca as tirando do sítio, nem sequer para lhes limpar o pó. Por isso, Ironwood devia considerar aquela mulher diferente, inquebrável.

A mãe de Rose também era inquebrável.

Até que... deixara de ser.

O homem com a cara tapada procurou algo no bolso do casaco e colocou uma longa lâmina prateada no seu dedo indicador. Era curva e brilhante como uma garra perfurando o ar.

O olhar de Rose desviou-se da arma e voltou para a cara do pai que olhava na direção da estante — para ela — e que movia os lábios sem produzir um som. *Fica quieta. Fica quieta...*

Ela queria gritar, dizer-lhe que lutasse, dizer-lhe que ela lutaria, caso ele não o fizesse. Ela tinha hematomas e arranhões nas mãos e nos joelhos, das lutas que travava com Henry para provar o seu valor. Mas aquele nem parecia o seu pai — o pai que era corajoso; a pessoa mais forte do mundo e tão...

O homem com a cara coberta inclinou-se para diante e enfiou a lâmina na orelha do pai de Rose, cujo corpo se agitou uma vez mais.

Os lábios pararam de mover-se.

Ao longe, ouviu-se uma espécie de trovão no céu de Londres porque mais uma passagem acabava de colapsar. O estrondo era mais fraco, desta vez, mas era capaz de fazer com que Rose se sentisse em carne viva.

O pai ainda ali estava, com o seu fato que cheirava a tabaco e água de colónia, mas Rose viu como ele desaparecia.

— Começa pelo quarto — disse o homem com a cara coberta, enquanto sacudia a lâmina de sangue e voltava a colocá-la no bolso.

— Não está aqui — respondeu a mulher. — Se estivesse, não o sentiríamos?

— Talvez haja alguma pista — foi a resposta rude, e o homem começou a arrancar as gavetas da secretária uma a uma. Atirou para o chão

moedas antigas, papiros, soldadinhos de chumbo, chaves velhas, e disse, desdenhosamente:

— Estes ingratos são colecionadores.

A mulher passou em frente à estante, fazendo ranger o soalho, e Rose tapou a boca com as suas mãos sujas, para impedir um grito. Tentou não respirar o cheiro do próprio vomitado, mas a visão do sangue dos pais deixava-lhe o estômago em sobressalto.

Os olhos escuros da mulher varreram a estante, e ela parou exatamente diante do lugar onde Rose estava escondida.

Aquele momento pegou-se à sua mente como uma folha na superfície da água.

Fica quieta.

Mas ela *não* queria ficar quieta.

Seria tão fácil, pensou Rose, ser corajosa como a mãe — sair daquele compartimento, empurrar aquela mulher e correr a fim de agarrar uma das espadas e trespassar tudo e todos até que a escuridão desaparecesse.

Mas o pai dissera-lhe para ficar *quieta*.

Num canto, o relógio do avô marcava os segundos perdidos.

Tic, tic, tic... Morto, morto, morto...

O coração de Rose sentia-se cada vez mais apertado por uma amálgama quente e espinhosa, até que, por fim, ela fechou os olhos, imaginando as veias, as costelas, o peito inteiro endurecendo como uma pedra a fim de proteger as partes que doíam tanto. Ela era demasiado pequena para lutar com eles naquele momento; Rose sabia-o. Mas também sabia que, um dia, deixaria de ser pequena.

O olhar da mulher desviou-se da estante. Rose deixou que o seu medo se transformasse em ódio puro.

Os Ironwood. Sempre os Ironwood.

— Quantos pratos estavam na mesa? — perguntou a mulher, e afastou-se da estante com algo na mão, uma moldura com uma fotografia, que foi mostrar ao homem. A garganta de Rose fechou-se ainda mais e os dedos apertaram o tecido do vestido. Era uma foto com ela, o pai e a mãe.

A casa velha rangeu. O homem da cara coberta colocou um dedo sobre os lábios, a cabeça virada na direção da estante. Passou por cima do pai de Rose, aproximando-se da mulher.

Fica quieta.

— Levamos a criança — disse o homem. — Ele vai querê-la...

O baque da porta da casa, quando alguém a abriu com força, fez-se ouvir no andar de cima. Ouviu-se também um berro no piso térreo, «Linden!», e a estrutura da casa tremeu com os passos pesados que subiam as escadas. Rose olhou para a porta quando três homens apareceram na ombreira. O que vinha à frente tinha uma postura impositiva e, ao entrar naquela divisão, parecia trazer consigo uma tempestade, o que fez

com que Rose se encolhesse. O pai mostrava-lhe a fotografia de Cyrus Ironwood sempre que podia, para que ela pudesse reconhecê-lo e saber quando deveria fugir ou esconder-se.

Um dos homens tocou com a biqueira da bota na cara da mãe de Rose.

— Bem, agora já sabemos porque é que a passagem colapsou assim que a atravessámos.

Rose quase se lança fora do esconderijo para atacá-lo, mas, de repente, percebeu uma coisa: o homem com a cara coberta e a mulher tinham desaparecido. Mas Rose não ouvira a janela a abrir-se, ou o restolhar de tecido das roupas ou passos no chão. Era como se ambos tivessem desaparecido nas sombras.

Das sombras eles vêm, para te assustarem.

Das sombras eles vêm, para te roubarem.

— Esta escumalha teve o que merecia — disse Cyrus Ironwood, enquanto se agachava e arrancava a espada do ombro do pai de Rose, para em seguida lhe enfiar a lâmina no peito. Rose saltou quando a espada trespassou os ossos e embateu na madeira, e deixou que um gemido saísse da sua garganta.

— Esta é uma recompensa que terei prazer em pagar — disse Ironwood. — Sabia que só assim podia criar a motivação para que as coisas se resolvessem. Só é pena que o Benjamin não esteja com eles. O que é que estás a fazer aí parado? Começa a procurar!

Dez mil moedas de ouro. Não era suposto Rose ter visto o papel que o avô, enraivecido, trouxera para casa. Não era suposto que ela soubesse que Ironwood oferecera uma recompensa para quem denunciasse a família de Rose, mas as gavetas lá de casa nem sempre estavam trancadas.

O homem mais jovem pegou na moldura que a mulher com a cara coberta tinha visto. Apontou para Rose, na fotografia, sentada entre a mãe e o pai.

— E ela?

Ironwood cuspiu na cara do pai de Rose antes de pegar na fotografia. A visão de Rose ficou totalmente negra, a temperatura sob a pele atingiu o ponto de fervura, e ela apertou o vestido sujo de vomitado para conseguir manter-se imóvel. O olhar de Cyrus varreu a sala; de onde se encontrava, ela podia ver-lhe os olhos, e reparou que eram tão coloridos e flamejantes como um relâmpago. Então, sem dizer uma palavra, ele voltou para junto do corpo do pai de Rose, agachando-se para investigar algo. A orelha?

— Chefe? — disse o outro homem.

— Temos de sair daqui o mais depressa possível — disse Ironwood, parecendo perdido nos seus pensamentos. — Levem os corpos. Não podemos arriscar que sejam descobertos.

— Mas, e o astrol...

Ironwood virou-se, atirando a moldura com a foto contra o homem atrás da secretária, obrigando-o a desviar-se.

— Se o maldito astrolábio alguma vez esteve aqui, já deixou de estar. *E agora levem os corpos.* Estou no carro à vossa espera.

E, ao sair, levou consigo a sua raiva venenosa. Rose respirou, por fim, vendo como um homem aparecia com os lençóis cor-de-rosa, do seu quarto, e como o outro homem os usou para cobrir a mãe dela, primeiro, e depois o pai.

O tapete, manchado de sangue, também foi levado, deixando o soalho marcado de cicatrizes. Rose esperou até que a porta da frente fosse fechada e depois contou até dez, ficando à escuta de algo entre as sombras. Quando nada — nem ninguém — se fez ouvir, ela empurrou a estante para a frente e desceu as escadas, saindo pela porta das traseiras. Os olhos ardiam-lhe quando abriu o portão e montou a bicicleta encostada na cerca, começando a pedalar em seguida.

Rose não sentia nada. Pedalou e pedalou e pedalou.

Tinha a visão desfocada, lágrimas quentes atravessavam-lhe as pestanas e deslizavam pelas bochechas. A rua estava muito fria e húmida.

Sob a iluminação pública, o carro de Ironwood brilhava como a carapaça de um escaravelho quando ela começou a segui-lo, mantendo uma certa distância. Durante todo o caminho, Rose recordou um conto de fadas que o avô costumava ler-lhe, sobre um homem que se transformava em monstro por causa do seu coração feio, e percebeu a história pela primeira vez. Rose imaginou as suas unhas transformando-se em garras, a pele igual à da armadura de um cavaleiro, e os dentes ficando cada vez mais afiados, como se fossem de um tigre.

Rose sempre soubera que se tratava de uma questão de tempo até que Ironwood voltasse para destruir o último membro da sua família, mas ela não era como todas aquelas crianças das famílias Jacaranda ou Hemlock, que tinham deixado que Ironwood as levasse depois de os pais se renderem ou serem executados.

Era tão triste, pensou ela, que tivessem crescido sem espinhos que lhes permitissem proteger-se.

Um dia, ela tiraria tudo a Cyrus Ironwood. Demoliria o seu trono de horas e a sua coroa de dias. Iria encontrá-lo e acabar aquilo que a mãe e o pai haviam começado. Mas, naquela noite, Rose apenas iria seguir aquele monstro através das sombras.

Porque alguém tinha de informar o avô onde Ironwood iria esconder os corpos.